

A Mona Lisa e seu Fascínio:
o deslumbramento que atravessou os séculos

The Mona Lisa and its Fascination:
The dazzle that has crossed the centuries

volume 14 número 27 jun/dez 2020



Marina dos Santos Galli¹

marina.sgalli@gmail.com

Cultura Material:
objetos, imagens e representações - 1/2

Resumo

O presente artigo discorre sobre o poder do objeto material inserido no contexto cultural e social, exemplificado pelo quadro renascentista pintado por Leonardo da Vinci, a Mona Lisa. Mais de 500 anos se passaram desde sua criação e seus enigmas continuam a intrigar estudiosos e curiosos pelo assunto. Entre as incertezas de sua origem e de sua unicidade, o estudo sobre esta obra de arte é, ao mesmo tempo, uma investigação sobre o passado e uma referência do presente. Investigação sobre o passado por seu caráter simbólico dentro da história da arte e da cultura do Renascimento italiano, e referência do presente por evidenciar a relevância do estudo da cultura material para o entendimento da sociedade.

Palavras-chave: Cultura material; Mona Lisa; História da arte; Representação.

Abstract

This article discusses the power of the material object inserted in the cultural and social context and exemplified by the Renaissance painting by Leonardo da Vinci, the Mona Lisa. More than 500 years have passed since its creation and its mysteries continue to intrigue scholars and curious about the subject. Among the uncertainties of its origin and its uniqueness, the study of this work of art is both an investigation of the past and a reference to the present. Investigation of the past for its symbolic character within the history of art and culture of the Italian Renaissance, and reference of the present for evidencing a research of the study of material culture for the understanding of society.

Keywords: Material culture; Mona Lisa; Art history; Representation

¹ Graduada em Design de Moda pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, PR. Mestranda em História Social pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, PR. E-mail: marina.galli@gmail.com

Introdução

Segundo reportagem da BBC, em uma avaliação feita em 1962, o quadro da Mona Lisa valia cerca de US\$100 milhões. Passados alguns anos, em 2019, a obra que se encontra no Museu do Louvre em Paris, passou a valer US\$830 milhões (BALL, 2019). Ainda assim, seu valor monetário é apenas um grande reflexo da simbologia que a envolve e do significado cultural dessa pintura, tanto dentro do universo das artes como fora dele, já que, como afirma Ulpiano Bezerra de Meneses (2003, p.25), quando se fala sobre a significação de um objeto, trabalha-se com “valores e identidades construídas e comunicadas pela cultura por mediação visual”.

A pintura da Mona Lisa é a representação da esposa de um mercador florentino no formato de retrato em três quartos com pequenas dimensões, o que não influenciou no tamanho de seu reconhecimento e prestígio ao longo de seus mais de 500 anos. Com a aplicação de sua famosa técnica do sfumado, Leonardo transformou uma de suas mais icônicas obras em símbolo da História da Arte e em expressão do Renascimento Italiano.

Ao se estudar a História da Arte para conhecer o passado do sistema social e suas decorrentes transformações, o pesquisador utiliza-se das obras de arte como objetos documentais e, no caso da Mona Lisa, também investiga como a obra atravessou tantos séculos e continua mantendo uma estreita ligação com a sociedade atual.

Dentre as diversas possibilidades de leitura que o observador pode fazer da obra, o estudo a partir do contexto da pintura como objeto material propõe identificar, analisar, interpretar e compreender a sustentação dessa leitura para um maior entendimento sobre a pintura dentro de seu tempo e no momento atual, já que, como afirma Meneses (2003, p.14), o uso das fontes visuais para o estudo dos fenômenos sociais e tendências modernas trata, além do caráter afetivo e ideológico da imagem, sobre os hábitos visuais dentro de uma sociedade e sobre como tais pinturas são absorvidas pelo meio social.).

A História Material ou a História da Cultura Material é uma História feita a partir de fontes materiais, mediante também o uso de documentos escritos, que relatam não só sobre o objeto em si, mas sobre seu contexto dentro da sociedade. Assim, quando falamos sobre o estudo da cultura material, ligamo-lo diretamente ao estudo da História da Arte, já que a arte e suas obras se mostram como um reflexo direto de seu tempo, e os objetos gerados a partir das expressões artísticas, sejam eles pinturas, esculturas, obras arquitetônicas ou intervenções de arte, mostram os detalhes sobre a cultura e seu meio social.

No Renascimento, período também da criação do quadro da Mona Lisa, houve um esforço sistemático em coletar e organizar imagens artísticas e decodificar simbolicamente seus significados. Três séculos se passaram até a iconografia ser validada como prática científica

(MENESES, 2003, p. 13). Assim sendo, o presente artigo reconhece a importância de se conhecer a origem e a história do quadro da Mona Lisa, desde sua criação, para assim entender o papel da obra dentro do século XVI e como esse papel sofreu transformações, que acompanharam as mudanças sociais, mas que não impossibilitaram que a pintura de Leonardo da Vinci continuasse em destaque para a História da Arte, mesmo depois de tanto tempo.

A Mona Lisa pode ser considerada como uma autêntica representação do que foi o Renascimento italiano e de quem foi o seu autor, além de ser um dos grandes símbolos quando se fala sobre o universo das artes. Ainda, é possível reafirmar o poder do quadro como ícone de sua época quando se estuda que, desde o século XVI, período de seu nascimento, outros grandes artistas, como Rafael Sanzio, já buscaram formas de reproduzir a grande obra, em tom de admiração por aquilo que viram. Outras reproduções também apareceram, mas dessa vez com autores desconhecidos, o que abre ainda mais a porta para os mistérios que envolvem a pintura e para as diversas teorias sobre a possibilidade da existência de uma segunda Mona Lisa, também pintada por Leonardo da Vinci. Assim, com o passar dos anos e séculos, novas representações da obra foram feitas, dessa vez com interferências cada vez mais ousadas, realizadas por artistas renomados, os quais adicionaram símbolos que representavam suas particularidades e estilos. Logo,

o espectador entendeu seu próprio poder diante da pintura, podendo usá-la com liberdade para diversos tipos de intervenção.

Dessa forma, a Mona Lisa já foi reinterpretada e reinventada diversas vezes, ganhando cada vez mais admiradores pelo mundo, mostrando seu prestígio e sua força como verdadeiro símbolo da arte.

Cultura Material: o uso de objetos como documentos históricos

O uso dos objetos materiais como documentos históricos para o estudo das sociedades e dos meios culturais enfrentou diversos preconceitos ao longo dos anos até ser consolidado como forte instrumento de pesquisa e assim quebrar a regra intrínseca de que só é possível considerar algo como documento se ele é um suporte escrito. Dessa forma, como afirma Marcelo Rede (1996, p.266), é possível entender como a formação do conceito de cultura material acabou sendo apenas uma representação do que seus próprios autores entendiam sobre o significado da cultura em si, e, além disso, sua definição acabou se referindo ao fenômeno histórico de uma sociedade que usava as fontes documentais para a compreensão dela mesma. Uma vez que o objeto material está inserido em seu âmbito social, ao ser analisado, ele concede respostas para dúvidas acerca do desenvolvimento daquela sociedade, assim como meios de socialização, desenvolvimento cultural e outros fatores.

Meneses (1983, p. 104-107) divide o desenvolvimento da cultura material em três fases, que não necessariamente acontecem de forma ordenada ou isolada, mas que contribuíram para o entendimento do objeto como expressão material dos fenômenos sociais e suporte físico de informação. A primeira fase se caracteriza pela marginalização do estudo dos objetos como forma de investigação dos acontecimentos históricos. A segunda fase usa do estudo da cultura material, mas apenas de maneira instrumental, como caráter de confirmação para os fatos que já haviam sido verbalizados. A terceira e última fase trata da cultura material como forma de ilustrar o que foi estabelecido em um texto, tornando-a mais presente no estudo da história, mas ainda com um entendimento insatisfatório por parte dos pesquisadores.

Assim, os princípios do estudo da cultura material apresentam os objetos materiais em seus aspectos diversos, categorizando-os como documento de estudo e “suporte físico de informação”, o que traz à tona a discussão sobre a afirmação de que, sendo assim, todo suporte físico contém uma informação e pode ser caracterizado como documento (MENESES, 1980, p. 1). Tendo em consideração essa incerteza, Meneses (1980, p. 4) qualifica o documento material como suporte de informação do tipo relacional, ou seja, o conhecimento encontrado no objeto está diretamente ligado e expresso por sua relação com a sociedade e com o homem, já que o objeto se transforma em documen-

to, mesmo que sem intencionalidade, apenas em função de terceiros, que assim o classificam como suporte de informação, independentemente de sua origem. O autor, ao mesmo tempo, apresenta sua distinção entre documento e suporte de informação ao estabelecer que nem todo objeto é um documento, mas todo objeto é um suporte de informação. Ele ainda afirma que “o suporte de informação me ensina algo sobre aquele objeto, enquanto o documento é o que me permite chegar até o conhecimento” (MENESES, 1980, p. 7)

Ainda, é possível iniciar uma pesquisa que tenha como documento um objeto material de duas formas diferentes: partindo do documento até chegar à questão do estudo ou partindo do que se quer estudar até chegar a um objeto-documento. Mesmo assim, sendo o objeto a fonte de pesquisa ou uma consequência dela, ele será transformado a partir de sua retirada de seu ambiente natural pela leitura e interpretação do pesquisador e observador que o estuda (MENESES, 1980, p. 5).

Cabe, então, ao pesquisador fazer uma investigação sobre o artefato, desde sua história até suas características, e estudar qual a necessidade daquele objeto para o entendimento de uma sociedade e de seu meio cultural, afinal, em última análise, “um artefato é sempre um resíduo material - resíduo porque ele não expressa a totalidade do fenômeno - das relações sociais” (MENESES, 1980, p. 8).

Desta forma, o presente estudo procura entender a obra de arte como documento a partir de sua análise completa, desde seu desenvolvimento até seus desdobramentos ao longo da história. A pintura da Mona Lisa, obra de arte escolhida, será analisada a partir das informações históricas que existem dentro de sua materialidade e de seu caráter visual para a compreensão dos conceitos pertencentes ao Renascimento e que também estão presentes no quadro de Leonardo. Também, a obra será interpretada a partir de suas influências e interferências ao longo dos anos, primeiro quando era usada como inspiração e imitada por outros artistas e, posteriormente, quando passou a receber interferências diretas em suas versões espalhadas pelo mundo. Tais estudos utilizarão o quadro da Mona Lisa, um objeto material, como fonte de informação histórica, não apenas de seu tempo, mas também de algumas transformações que aconteceram com a relação entre o homem e a arte. Assim, o trabalho fará uma análise da história da arte de um ponto de vista metodológico usando conceitos da cultura material para estabelecer e definir a obra de arte como documento histórico.

A cultura material e seus desdobramentos na História da Arte

Ao se relacionar o estudo da cultura material com o estudo de uma obra inserida na História da Arte², é preciso entender qual a narrativa desse objeto para o observador e o estudioso, seja em seu caráter social, cultural ou histórico. O objetivo é realizar uma análise dos elementos chave para a pesquisa de um objeto da arte.

Segundo Geraldine Johnson (2005, p.3), antes mesmo do desenvolvimento do conceito de Arte e da pesquisa que envolve esse termo conhecido nos dias de hoje, uma obra se distingue por seu caráter prático e funcional, assim como por sua destinação, seja política, devocional ou matrimonial.

Stéphane Huchet (2014, p.226) fala sobre como os primórdios da História da Arte surgiram no século XVI, mesmo com algumas tentativas anteriores de estruturação de uma concepção normativa do conceito. Assim, no período, os pesquisadores do movimento usavam das obras para compreender as manifestações artísticas e entender os fundamentos em que essa foi desenvolvida e em qual narrativa histórica essa estava inserida. A definição de História da Arte trouxe para os estudos e análises desses objetos uma organização mediante uma visão histórica, assim como o estabelecimento de uma linha do tempo e do desenvolvimento desses objetos. Dessa maneira, a historiografia da arte estabeleceu o tempo histó-

² Lembrando que aqui trata-se da História da Arte Ocidental.

³ Além de período histórico, o Renascimento também deve ser reconhecido, segundo Brotton (2006, p.9) como um ideal de renovação cultural e como manifestação artística.

⁴ Foi o historiador francês Jules Michelet o primeiro pensador a definir a Renascença como um período decisivo para a história da cultura Europeia, que representaria uma total quebra com a Idade Média e um novo desenvolvimento do homem em busca de seu auto entendimento (BROTTON, 2006, p.9).

rico para as obras de arte, trazendo a ideia de continuidade e de evolução, incorporando a questão do estilo ao estudo. Um objeto pertencente à determinado estilo não transpõe essas características apenas em sua fisicidade, mas também em seus conceitos.

Ainda, mesmo que a pintura, a escultura ou outro objeto artístico apresente suas características físicas como sua principal particularidade, esse objeto continua sendo resultado de um processo social que transfere sua história para o bem material (REDE, 1996, p. 272-274). Quando um espectador se depara com uma obra e a observa para sua apreciação, sem qualquer intenção de realizar um estudo específico, seus elementos físicos apresentam a ele as características culturais e históricas do objeto, sendo este o primeiro momento da relação da cultura material com o observador, já que este consegue identificar as narrativas representadas pela obra. Tal afirmação também mostra que a história da cultura material, inclusive para os objetos da História da Arte, não apresenta barreiras de tempo e está em constante processo para novas investigações sobre seus significados dentro da sociedade (REDE, 1996, p. 276).

No período renascentista³, o conceito de cultura material ainda não existia ou 1era estudado, mas é desenvolvido no presente trabalho, com o exemplo da Mona Lisa, com a intenção de explorar o caráter documental das obras de arte, mesmo que essas não tenham sido criadas ou concebidas com esse propósito.

É também no Renascimento que o conceito moderno de Arte começa a emergir, acompanhado das noções sobre a história e o *status* sobre os artistas do período (JOHNSON, 2005, p.3). Ainda, o próprio Renascimento⁴ é considerado uma grande ruptura no estudo da História da Arte em si, uma vez que apresentou uma total renovação cultural baseada na imitação do antigo e do clássico ao mesmo tempo em que revolucionou a dinâmica religiosa ao emancipar o homem na Reforma e na Contrarreforma (AZZI, 2011, p. 354). Esse período associou o desenvolvimento social com a prosperidade cultural do século XVI, tornando possível a investigação de todos os âmbitos que envolviam a sociedade.

Como afirma Anita Helena Schlesener (2009, p. 13)

O Renascimento designa um processo social total, que abarca tanto a esfera econômica e social quanto o domínio da cultura, estendendo-se à vida e aos modos de pensar cotidianos, às práticas morais, aos ideais éticos, estéticos e científicos. Um tempo de transição, em que as antigas formas e relações da sociedade medieval ainda não se haviam dissolvido e as novas formas de vida produzidas pelas novas relações mercantis já se encontravam em formação.

Tendo em vista a direta ligação entre a obra de arte e a história do patrimônio, é possível listar quatro objetos de estudo que se integram

e se associam quando falamos sobre uma obra de arte: a História da Arte propriamente dita, o estudo e a análise da cultura material, o entendimento sobre a História do Patrimônio, assim como a pesquisa sobre o colecionismo, sendo o último tratado como uma prática erudita na qual exista o acúmulo de conhecimentos a partir do objeto (AZZI, 2011, p. 355).

Quando essa análise se torna ainda mais estreita, e o objeto de estudo do presente artigo é inserido, é possível distinguir que o quadro é, ao mesmo tempo, usado na conservação de uma memória individual, a partir da experiência única que o espectador tem diante da apreciação da obra, assim como uma memória coletiva, apoiada nas características da pintura para a análise e entendimento sobre o que foi e como se desdobrou o Renascimento Italiano.

Christiane Ferreira Azzi (2011, p. 357) reconhece que as obras do Renascimento, e especialmente a pintura de Leonardo, são um verdadeiro testemunho do século XVI, já que “toda obra do passado pode ser convertida em testemunho histórico sem que para isso tenha tido, na origem, uma destinação memorial”. Assim, cabe o entendimento de que, quando o grande mestre Leonardo da Vinci pintou em seu ateliê a enigmática jovem de sorriso misterioso, sua intenção nunca foi a de criar um documento ou uma espécie de arquivo que relatasse sobre os aspectos sociais e culturais de seu período, contudo, mesmo naquela época, e apesar dos sé-

culos que se passaram, é possível entender a Mona Lisa como um dos grandes exemplares do que foi a cultura do Renascimento Italiano.

Leonardo da Vinci e o Renascimento italiano

Tendo o objeto como base para o estudo social, faz-se o questionamento sobre a importância da compreensão de sua história e evolução. Meneses (2003, p. 28) lembra como o trabalho histórico com imagens e objetos obriga o pesquisador a percorrer o ciclo completo de sua produção, circulação e consumo. Assim, a Mona Lisa, analisada isoladamente de seu contexto social, não mostra seu real sentido, a não ser que inserida dentro de sua história.

Leonardo da Vinci foi um famoso pintor italiano que conheceu o sucesso ainda durante a vida. Nasceu em 15 de abril de 1452 em um pequeno vilarejo chamado Vinci, perto de Florença, o motivo por ser conhecido pelo nome de Leonardo “da Vinci”. Em 1466 foi para a cidade florentina com a sua família, onde começou a trabalhar no ateliê do pintor e escultor Andrea del Verrocchio. Junto com seu mestre, fez algumas obras até ir para Milão buscar trabalhos sozinho. Morou em diversas cidades da Itália e se dedicou a diversos campos de estudo, como engenharia, ciência, biologia e botânica, mas sempre foi pela pintura sua grande afeição. Sua última viagem foi para a França, na qual levou sua grande obra,

⁵ Vasari (1511-1574) foi o grande responsável pela descrição dos princípios que nortearam três séculos do universo das artes, falou sobre artistas e suas obras e sobre como estes influenciaram a evolução da arte italiana do século XIII até seus dias (BYINGTON, 2011, p. 9).

a Mona Lisa, que se encontra lá até os dias de hoje. Faleceu no país no dia 2 de maio de 1519, aos 67 anos de idade.

Além de seu reconhecimento como pintor e mestre, Leonardo da Vinci conheceu o prestígio por se aprofundar no estudo de diversos temas que iam além do desenho, já que acreditava que se sua amada arte da pintura fosse construída com base na ciência e na comprovação científica, ele conseguiria transformá-la de humilde ofício em nobre missão (GOMBRICH, 2013, p.222).

Como afirma Ernst Gombrich (2013, p.221), o fato de Leonardo ter alcançado êxito nos diversos campos de pesquisa que experimentou, mesmo sendo um pintor e não um acadêmico, contribuiu para sua fama e para todo o mito que o envolve e que o envolve até os dias atuais, mesmo que isso não tenha cooperado para um esclarecimento sobre a vida do mestre e sim para um certo obscurecimento, inclusive acerca do ideal de homem universal. Gombrich (2013, p.226) também fala sobre como a reputação da obra de Leonardo, como por exemplo a Mona Lisa, não chega a ser uma benção, já que

ficamos tão acostumados a vê-la em cartões-postais e até anúncios que acaba sendo difícil percebê-la com outros olhos, como uma pintura feita por um homem de verdade, retratando uma mulher de carne e osso.

Giorgio Vasari⁵, o maior estudioso a respeito de Leonardo da Vinci e seus trabalhos, fala sobre os

diversos interesses do pintor: a música, arquitetura e biologia, mas nada se compara ao desenho, meio pelo qual Leonardo conseguia desenvolver suas fantasias (BASTIANON, 2019). Vasari também afirmou que o caráter da arte de Leonardo seria mais divino do que humano, o que só contribuiu para a disseminação da figura do pintor como gênio da arte (BRAGOS, 2015, p.6).

Assim, todas as histórias e lendas que acompanham Leonardo criam uma expectativa no futuro-observador antes mesmo desse se deparar com as obras do pintor, e quando o momento chega, esse espectador enxerga em sua frente essas ideias pré-concebidas a partir das várias interpretações que foram sendo criadas a respeito do mestre italiano e que transformaram sua vida em um mito.

Ainda, tendo deixado cerca de 7 mil desenhos em diferentes manuscritos, os estudiosos afirmam que “há sempre alguma coisa a se descobrir sobre ele”, mesmo que esta concepção influencie as diversas teorias sobre as mensagens subliminares que Leonardo teria deixado em seus quadros (NAVES, 2019). Tais teorias são alimentadas por novas descobertas, nem sempre verídicas ou comprovadas, de vestígios e traços encontrados em suas pinturas, sendo a Mona Lisa um dos maiores alvos das diversas histórias imaginadas.

O pintor viveu em pleno Renascimento, período do florescimento cultural na Itália e foi contemporâneo de diversos nomes não só da arte, mas de outros segmentos so-

ciais e culturais italianos, como Michelangelo, Donatello, Masaccio, Brunelleschi, Botticelli, Rafael⁶ e muitos outros, tendo estabelecido contato direto com alguns deles.

Seguindo uma estética baseada nos modelos clássicos, e desenvolvida pelo mestre, o Renascimento apresentou-se como uma grande revolução que difundiu um novo ideal de pensamento voltado para o Humanismo⁷ e para uma nova forma de cultura com plena consciência do poder do homem dentro da sociedade e de sua relação com a natureza (SCHLESENER, 2009, p. 35). Este Humanismo trouxe a Arte Clássica como modelo de excelência que acompanhou os movimentos intelectuais que se originaram já no século XIV e que influenciaram artistas “by encouraging them to emulate the achievements of the ancient predecessors. Equally, artists could have influenced humanists, by opening their eyes to the aesthetic and historical significance of ancient art and architecture”⁸ (HOPE; MCGRATH, 1996, p.161).

A arte da Renascença foi uma arte baseada em uma perspectiva linear, na observação da natureza e do corpo humano, em uma contemplação técnica e na tensão entre o real e o ideal, mas também foi sobre

uma arte de beleza tranquila. Oferece-nos aquela beleza libertadora que experimentamos como um bem-estar geral e uma intensificação uniforme de nossa força vital. Em suas criações perfeitas não se encontra nada pesa-

do ou perturbador, nenhuma inquietação ou agitação – todas as formas manifestam-se de modo livre, integral e sem esforço (WOLFFLIN, 2012, p. 47).

Assim, conhece-se o Renascimento não apenas como uma característica estética, mas como fenômeno social que, através de um olhar histórico-cultural, analisa as manifestações da vida social do século XVI. Ainda, ao relacionarmos a cultura material com o estilo da Renascença, podemos entender qual a influência cultural no desenvolvimento e na formação do objeto de arte, e, nesse caso, mais especificamente da Mona Lisa, transformando o objeto cultural e artístico também em objeto histórico (REDE, 1996, p. 272).

Dessa forma, Leonardo expressou sua filosofia, sua história e a cultura em que estava inserido de maneira visual através dos objetos materiais que criava, suas pinturas e, dessa forma, é impossível falar sobre o Renascimento Italiano e até mesmo sobre a História da Arte desvinculando-o de sua figura, assim como é impossível saber se foi o pintor que influenciou o movimento ou se o Renascimento que o influenciou – ou até mesmo se a verdade é que ambos se alinharam como um único elemento.

⁶ Estes são alguns pintores, escultores e arquitetos que junto com Leonardo são considerados como os grandes nomes do Renascimento Italiano. O primeiro, Michelangelo Buonarroti (1475-1564) foi apaixonado pela escultura, mas seu talento se estendia também para a pintura, sendo exemplo a Capela Sistina do Vaticano. Seguindo para Donatello (1386-1466) que ganhou seu reconhecimento na escultura por trabalhar a proporção pelo ponto de vista do observador. Depois tem-se Tommaso di Ser Giovanni di Mone, mais conhecido como Masaccio (1401-1428), que expressou o naturalismo e negou o estilo ornamental em suas pinturas e foi o primeiro pintor a experimentar o ponto de fuga único no uso da perspectiva. Filippo Brunelleschi (1377-1446) é conhecido como pioneiro na arquitetura renascentista tendo manifestado em suas obras a educação humanista que recebeu em sua infância. Sandro Botticelli (1445-1510) negou o estilo naturalista e optou por uma atmosfera lírica que não necessariamente representaria a verdade. Uma de suas obras mais famosas é O Nascimento da Vênus. Por fim, Rafael Sanzio (1483-1520) ficou conhecido por uma pintura cheia de graça e harmonia e foi grande admirador de Leonardo da Vinci.

⁷ O movimento Humanista, apesar de não poder ser considerado um movimento único, e sim formado por um conjunto de características, se ligou ao Renascimento Italiano e sua consequente renovação cultural por enfatizar os valores humanos frente a mentalidade medieval centrada em valores religiosos e que se mostrava predominante até então (LARA, 1999, p.214).

⁸ Tradução: “encorajando-os a simular as conquistas dos antigos predecessores. Da mesma forma, os artistas poderiam ter influenciado os humanistas abrindo seus olhos para o significado estético e histórico da arte e da arquitetura antiga”.

⁹ Tradução: “é um retrato da esposa de Francesco. Por outro lado, se tornou uma mediação filosófica sobre a natureza da terra e a natureza humana”.

¹⁰ Antes do Renascimento os retratos eram destinados às figuras nobres como reis e rainhas. Foi a partir de 1400 que outras camadas da sociedade começaram a ser representadas por esse estilo de arte, como mercadores e até mesmo os próprios artistas (JOHNSON, 2005, p.61).

¹¹ A técnica do sfumato foi criada por Leonardo e contribuía para aumentar a expressividade de suas representações (MORAES, 2013).

A origem da Mona Lisa

Pintada por Leonardo da Vinci em óleo sobre madeira entre os anos de 1503 e 1506, a Mona Lisa, apesar das pequenas dimensões de 77x 53 cm, carregou durante seus mais de 500 anos de história muitos mistérios, além do título popular de símbolo das artes e da pintura (CAPPELLINI, 2020). A obra, que atualmente encontra-se no Museu do Louvre, em Paris, já viajou pela Europa e até mesmo foi roubada, mas hoje permanece em segurança para ser admirada por todos os amantes da arte e curiosos.

Leonardo foi um homem apaixonado pelo meio natural e por seus mistérios, e a obra da Mona Lisa não se refere apenas a uma mulher inserida nesse universo, mas sim uma grande ode à natureza que apresenta a proposta de integrar intimamente o retratista com a pessoa retratada. Como afirma Martin Kemp (2012, p. 152) o quadro de Leonardo “is a portrait of Francesco's wife. At another (side) it has become a philosophical mediation on the nature of the earth and the nature of a human being”⁹.

Assim, tendo desenvolvido uma ficha técnica sobre a obra estudada, em um estudo sobre a cultura material focada em um objeto da arte, mais especificamente a Mona Lisa, qual a importância do contexto histórico da pintura e do entendimento de sua origem?

Rede (1996, p. 269) afirma que, além dos significados simbólicos dos objetos materiais e do contexto em que estão inseridos, é importante

estudar as questões relativas à produção e distribuição desses mesmos objetos, conhecer a sua história, sua origem de formação, quem foi seu autor e como eles foram inseridos em sua época.

Quem foi a mulher representada por Leonardo da Vinci é a pergunta que, mesmo depois de tantos anos, nunca foi possível de ser respondida. As muitas especulações e teorias sobre a moça de sorriso discreto e vestes nobres só se intensificam com o fato de que toda a vida do pintor e todas as suas obras e estudos sempre vieram carregadas de mistérios e segredos. As surpresas ainda aumentam quando, uma vez ou outra, surge a possibilidade de que uma segunda Mona Lisa, também de autoria de Leonardo, tenha sido encontrada pelo mundo.

Mona Lisa foi pintada em forma de retrato, configuração já existente anteriormente¹⁰, mas que ganhou força no Renascimento com o despertar da individualidade do homem universal (JOHNSON, 2005, p.61). Apresentada com o enquadramento três quartos, a mulher de cabelos longos e escuros, com as mãos entrelaçadas e em primeiro plano, olha diretamente para o observador, uma novidade nos retratos de Leonardo, que cria uma conexão com o espectador, tornando a modelo ainda mais acessível do que todas as outras nobres retratadas com olhar distante.

Por causa do esfumado intenso nos cantos do lábio¹¹, técnica característica das obras do pintor, a dama sorri de forma contida, porém simpática, o que a liga ainda mais

com quem a observa, ao mesmo tempo em que cria o interesse de se saber mais sobre ela. Interessante o detalhe de que ela não porta nenhuma joia e de que seu vestido, claramente nobre, não apresenta bordados, peculiaridades que só exaltam sua beleza autêntica em meio à natureza.

Por fim, mesmo que a pintura seja estática, podemos sentir, e até mesmo ver, o movimento delicado que a dama faz ao se virar em direção ao pintor, muito sutil e por isso mesmo muito bonito. Esta técnica, muito utilizada no Renascimento, aponta o retrato com três pontos que miram em direções opostas: a parte inferior do corpo, o busto e a cabeça¹² (CAPPELLINI, 2020).

Imagem 1 - La Gioconda, ou então a Mona Lisa, de Leonardo da Vinci, obra feita entre 1503 e 1506, que hoje se encontra no Museu do Louvre.



Fonte: <https://www.louvre.fr/en/oeuvre-notices/mona-lisa-portrait-lisa-gherardini-wife-francesco-del-giocondo>, 2020

Segundo Kemp (2012, p.145) é a presença da Mona Lisa a grande responsável pelo encantamento que a obra provoca, você a olha, e ela te olha de volta, mas ela não está apenas te olhando “she is overly reacting, smiling with knowingness that is perpetually engaging and even disconcerting”¹³.

Mas qual seria a relação de Leonardo com a mulher da pintura? A teoria mais aceita e divulgada até os dias de hoje é a de que Francesco del Giocondo, um rico mercador florentino, pediu para Leonardo um retrato de sua mulher, Lisa Gherardini, o que explicaria o nome *La Gioconda* e também o nome de Mona Lisa (CAPPELLINI, 2020). O termo *monna* é uma forma abreviada do vocábulo *madonna*, no sentido de senhora, e que no final do Medievo era usado junto ao nome próprio (TRECCANI, 2020).

Àqueles que negam esta teoria afirmam que uma obra tão comentada, até mesmo durante seu período de criação, não pode ser fruto de uma simples encomenda de um mercador para sua amada e de que Lisa Gherardini, por não ter deixado outros registros sobre sua personalidade, tenha sido uma mulher muito mais misteriosa e exótica do que se acredita (KEMP, 2012, p. 148).

Ainda, existem outras lacunas deixadas por esta suposição sobre a origem da obra. Por que, então, Leonardo da Vinci nunca entregou a pintura a seu proprietário, mesmo depois de quase quatro anos trabalhando nela? Francesco nunca chegou a cobrar pelo trabalho que

¹² Tal técnica ficou conhecida na Itália como *contraposto* (CAPPELLINI, 2020)

¹³ Tradução: “Ela reage abertamente, sorrindo com uma sabedoria perpetuamente envolvente e até desconcertante”.

comissionou? Por que o pintor a carregou até o dia de sua morte? Esses são alguns dos questionamentos que a envolvem até os dias de hoje e que também levantam a hipótese de que, caso essa não seja a história real de sua origem, não faria sentido o seu nome ser Mona Lisa, o que ocasionaria na mudança de denominação de uma das obras mais conhecidas do mundo.

Por fim, sendo uma obra que passou por cinco séculos de história, enfrentou o processo de restauração diversas vezes, os quais nem sempre foram realizados com maestria, é impossível que o pesquisador, o observador ou um simples curioso perceba suas verdadeiras cores e nuances, o que, incrivelmente, não afasta a pintura de ser admirada e enaltecida até hoje.

Mona Lisa e suas diversas versões

Vasari afirmava em seus estudos que Leonardo trabalhou na obra da Mona Lisa durante quase quatro anos e mesmo assim a deixou incompleta, fato que curiosa e misteriosamente contradiz a pintura que está exposta no Louvre, já que está é uma obra finalizada. Desde então, uma vez ou outra aparece a especulação de que Leonardo tenha pintado uma segunda Mona Lisa, e de que esta esteja por aí, em algum lugar do mundo, sem que seu proprietário saiba de sua origem.

De qualquer forma, essa suposição ainda não foi confirmada,

mas o que se sabe é que, já no século XVI e até os dias de hoje, diversos artistas, reconhecidos ou não, aventuraram-se na reprodução da obra, e incontáveis cópias, remakes, versões e sátiras já foram feitas ao longo do tempo, algumas tendo sucesso e outras não.

A primeira versão reconhecida da pintura é o esboço que Rafael Sanzio fez durante sua estadia em Florença, reflexo direto de sua admiração por Leonardo, que não pode ser indevidamente caracterizada como uma cópia, pois essa representação, como afirma a página do Museu do Louvre (2020), apresenta uma síntese de todos os modelos leonardescos em uma interpretação pessoal de Rafael, já que ele considerava o desenho como um meio de pesquisa para um estudo em andamento (FEDERICA, 2020).

Imagem 2 - Esboço feito por Rafael entre 1503 e 1506.

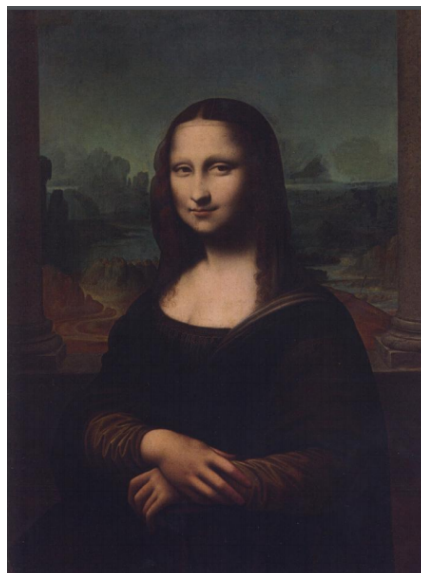


Fonte: <https://www.louvre.fr/en/oeuvre-notices/head-and-shoulders-woman-three-quarters-profile-facing-left-folded-arms>, 2020.

O mais interessante é que o esboço de Rafael apresenta características que divergem da Mona Lisa de Leonardo, como a paisagem de fundo e o traje da mulher retratada, mais uma pista para a intrigante desconfinança de que a Mona Lisa exposta no Louvre não seja o único exemplar dessa obra.

As possibilidades continuam com dois modelos que retratam a mesma obra de Leonardo, os quais se encontram em São Petersburgo e Singapura, fazendo parte de coleções privadas. Ambas as obras foram pintadas com maestria, mas até hoje seus autores permanecem desconhecidos. O exemplar encontrado em São Petersburgo gerou dúvidas até mesmo entre os especialistas, que encontraram semelhanças técnicas entre esta e a versão comprovadamente feita por Leonardo. Infelizmente, depois de análise mais intensa, foi confirmado que o material desse exemplar não existia no século XVI, sendo fabricado apenas no século XVII, o que comprova que o autor não seria o mestre italiano. Ainda, muito se fala sobre a versão encontrada em Singapura, que mostra uma Mona Lisa muito mais jovem, até mesmo em relação ao quadro original, o que faria sentido já que Lisa Gherardini teria apenas 15 anos quando foi pintada. A análise dessas duas pinturas revelou também que a versão que se encontra em São Petersburgo foi feita por volta de 1620 a 1680, enquanto a versão de Singapura data entre 1492 e 1652.

Imagem 3 e Imagem 4 - A imagem da esquerda corresponde à Mona Lisa que atualmente se encontra em São Petersburgo enquanto a segunda refere-se a encontrada em Singapura, ambas em coleções privadas.



Fonte: <https://news.artnet.com/art-world/second-version-lisa-discovered-st-petersburg-392036>, 2015.

Outra famosa reprodução da obra é atribuída a um dos aprendizes de Leonardo. Contudo, ainda resta a dúvida se sua autoria seria de Francesco Melzi¹⁴ ou de Gian Giacomo Caprotti, também conhecido como Salai¹⁵. O que se sabe é que as mudanças na Mona Lisa

¹⁴ Nascido em Milão, Francesco Melzi foi o único assistente de Leonardo que o acompanhou em sua mudança para a França. Sua lealdade ao pintor e seu sangue lombardo o fizeram aprender sobre a pintura com os grandes mestres a ponto do próprio Leonardo o chamar de "Mestre Francesco" (WILCOX, 1919, p. 296).

¹⁵ Salai (o pequeno demônio), como era conhecido o segundo assistente de Leonardo, ingressou em sua oficina aos dez anos de idade. Na época, o artista tinha 30 anos. Mesmo sendo um garoto difícil de trabalhar, o aprendiz ficou com Leonardo durante vinte e cinco anos, e acredita-se que inclusive tenha sido modelo de referência para Leonardo quando o mesmo produziu a pintura de São João Batista entre os anos de 1513 e 1516 (BBC NEWS BRASIL, 2019).

¹⁶ A empresa desenvolvida por Pascal Cotte, chamada de Lumiere Technology, é um start-up com base em Paris e que usa um exclusivo serviço de digitalização para os grandes museus e colecionadores de arte trabalharem em suas obras (LUMIERE TECHNOLOGY, 2020).

original sugerem que essa segunda pintura, produzida por um de seus pupilos, tenha sido feita simultaneamente à de Leonardo, já que reflete ser uma obra intermediária para aquela que atualmente se encontra no Louvre. Hoje em dia, tal obra encontra-se exposta na cidade de Madri, na Espanha, no acervo do Museo del Prado.

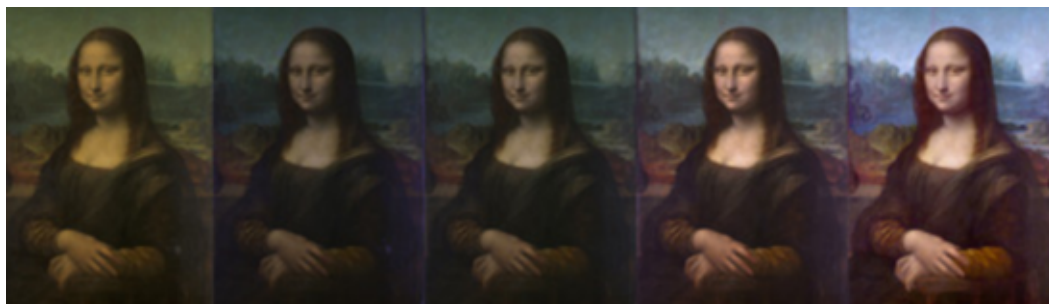
Imagem 5 - Mona Lisa atribuída à um dos pupilos de Leonardo, não se sabe se à Francesco Melzi ou se à Giacomo Caprotti (Salai) 1503-1519.



Fonte: <https://www.museodelprado.es/en/the-collection/art-work/the-mona-lisa/80c9b279-5c80-4d29-b72d-b19cdca6601c>, 2020.

Mas não são só reproduções que criam novas versões da Mona Lisa. Pascal Cotte foi o responsável por reconstruir essa grande obra, usando a tecnologia criada por ele mesmo¹⁶, por meio de uma espécie de varredura multiespectral da pintura original, tornando possível a revelação das verdadeiras cores da obra mais famosa do mundo. Curiosamente, mas de uma maneira óbvia, a maior dificuldade na reconstrução da pintura foi exatamente o motivo que a transformou em um exemplo na revolução da arte: a técnica do esfumado.

Imagem 6 - Transição da obra de Leonardo da Vinci para sua reconstrução feita por Pascal Cotte em 2004.



Fonte: <http://www.lumiere-technology.com/Pages/News/news3.htm>

Ao estudar a obra da Mona Lisa e pesquisar sobre as várias reproduções feitas a partir do desenho original, vemos que a pintura de Leonardo da Vinci era usada como modelo estético já no século XVI. Desde sua criação, ela foi referência tanto para aprendizes como para pintores experientes, que tentaram reproduzi-la à sua maneira.

Os anos se passaram e essa fascinante obra ainda esconde detalhes e mistérios que encantam os entusiastas e curiosos da arte que a usam de modelo para novas obras e até mesmo interferências artísticas.

As novas representações da Mona Lisa: sobre a interferência na obra de arte

La Gioconda já passou por tantas interferências e releituras que a obra se mostra como de propriedade livre. Sua autoria não mais pertence a Leonardo da Vinci, agora a Mona Lisa é de todos.

A primeira interferência que iria desencadear uma onda de novos artistas que adicionariam seus toques pessoais à Mona Lisa foi do artista Marcel Duchamp¹⁷ em 1919, quando ele resolveu estilizar a pintura colocando na bela dama um divertido bigode como forma de contestar o caráter elitista da arte, típico do conceito dadaísta¹⁸ do qual se tornou precursor. O que poderia prejudicar a imagem do retrato feito por Leonardo o tornou ainda mais famoso, transformando agora a obra renascentista em símbolo da arte moderna (CAPPELLINI, 2020).

Imagem 7 - A Mona Lisa do dadaísta Marcel Duchamp, 1919.



Fonte: <https://www.eba.ufmg.br/museologia/duchamp/index.html#:~:text=Como%20em%20uma%20brincadeira%20de,exposta%20no%20Museu%20do%20Louvre., 2020>

Algumas décadas depois do bigode de Duchamp, foi a vez de Andy Warhol¹⁹ manifestar sua identidade por meio da interferência na famosa obra renascentista. Para o artista pop, uma Mona Lisa não bastava, o mundo precisava de mais. Assim, ele atendeu a esse pedido usando o rosto da famosa e misteriosa dama em diversas colagens produzidas ao longo dos anos, transformando-a em pôsteres divertidos e usando a repetição para falar sobre a grande onda de consumismo que fluía por todo os Estados Unidos.

¹⁷ Marcel Duchamp nasceu na França em 28 de julho de 1887 e foi naturalizado norte-americano. Com o passar dos anos mudou-se para Paris e ingressou na Academia Julian. Passou por todas as tendências da arte como o Impressionismo, o Expressionismo, o Fauvismo e o Cubismo, mas não se comprometeu com nenhuma delas. Expôs em alguns salões independentes, mas foi em 1913 quando produziu "Roda de Bicicleta" que causou um verdadeiro abalo na arte da época. Entrou em contato com o dadaísmo em 1916 e em 1917 produziu sua obra mais famosa, a "Fonte" (FRAZÃO, 2019).

¹⁸ O dadaísmo surgiu como uma forma de crítica cultural que contestava os valores sociais de forma propositalmente desordenada e pautada no escândalo e no choque, características típicas das vanguardas da época. A criação do Cabaré Voltaire em 1916 em Zurique inaugura oficialmente o nascimento do dadaísmo. O termo dada foi encontrado por acaso numa pesquisa pelo dicionário francês e significa "cavalo de brinquedo", o que mostra o seu valor de ser uma escolha totalmente aleatória e sem significado, contrariando qualquer critério racional, o que no fim, tem um significado totalmente profundo e bem pensado (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTE E CULTURA BRASILEIRAS, 2018).

19 O artista americano Andy Warhol (1928-1987) foi e continua sendo o maior símbolo da Pop Art, estilo artístico que usava de objetos e personagens famosos para transformações ao mesmo tempo em que expunha, de forma propagandista, objetos do cotidiano e símbolos do consumismo estadunidense (LOMBARDO, 2017).

Imagem 8 - Uma dentre as várias obras de Andy Warhol usando o famoso rosto de Mona Lisa, 1963



20 A cultura popular pode ser interpretada como um conceito amplo que consiste em um conjunto de práticas diversas que levam em consideração a relação entre o público e o produto. Assim, para a produção do conhecimento histórico, o uso do termo cultura popular nesse trabalho fala sobre quando, como afirma Domingues (2011, p. 403), a sociedade ocidental conheceu a massificação da cultura e as novas formas de circulação das práticas culturais, produtos, valores e saberes, o que, no Renascimento, acabou por encontrar sua coerência e revelar sua forma.

Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Warhol-Andy-Colored-Mona-Lisa-fig1_301670799, 2016

Totalmente popularizada, a obra tornou-se objeto de consumo e passou a ilustrar todos os tipos de roupas, objetos de decoração e acessórios, fazendo com que um pequeno quadro do século XVI passasse a fazer parte, como afirma Moraes (2013), tanto da alta cultura como da cultura popular²⁰.

À vista dessa adaptabilidade, mesmo que forçada, de uma obra do período renascentista, inicia-se a investigação sobre como a interferência na obra de Leonardo pode parecer uma redução da Mona Lisa apenas em seu caráter estético, esquecendo dos significados de sua história social e de sua trajetória estilística.

A verdade é que essas interferências mostram como uma obra de séculos passados ainda consegue apresentar diversas possibilidades para os novos artistas, que tem o poder de transformar um objeto tradicional e adaptá-lo a diversos

estilos. Sendo ainda a intervenção possível de ser feita não necessariamente por artistas, pintores ou artífices, mas por qualquer pessoa, ela se torna um mecanismo para aproximar o observador daquilo que ele vê?

O que Duchamp e Warhol fizeram foi abrir as portas para que qualquer espectador tivesse o poder – e a liberdade – de interferir na famosa obra e usar essa imagem como bem entender. Recortá-la, adaptá-la e principalmente transformá-la baseando-se em sua realidade. Todos agora têm o poder de interferir e se tornar o autor de uma versão da Mona Lisa, expressando sua história, sua cultura e criando sua marca em seu contexto social.

4 500 anos e o encanto contínua

O retrato de Mona Lisa, mesmo sendo uma obra de origem italiana, encontra-se no Museu do Louvre em Paris pelo fato de que Leonardo, quando se transferiu para a França, levou consigo sua obra prima e lá permaneceu até sua morte (PIESCO, 2013).

Por questões de conservação, o quadro encontra-se em uma sala totalmente desenvolvida para ele, a *Salle de La Joconde*, onde a obra só pode ser apreciada a uma distância considerável, possuindo um cordão que impede a aproximação do espectador e um vidro para garantir maior proteção.

Imagem 9 - Imagem feita do ponto de vista de um espectador que luta com pessoas e celulares pela oportunidade de apreciar a obra, mesmo que por alguns minutos.



Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-50080166>, 2019

Apesar dos séculos que se passaram desde sua criação, e mesmo sendo reconhecida como obra prima já em sua época, o grande destaque da Mona Lisa veio depois que ela foi roubada do Museu do Louvre em 1911 por um italiano²¹ que afirmava que a obra deveria voltar para a Itália (PIESCO, 2013). A pintura foi recuperada em 1913, depois de virar manchete nos principais jornais do mundo e se tornar ícone global da História da Arte. Uma vez com sua imagem popularizada, a Mona Lisa nunca mais perdeu sua notoriedade. Muitos eram os curiosos que, durante os dois anos em que a obra ficou desaparecida, iam para o museu apenas para contemplar o espaço vazio que a obra havia deixado e entrar em contato com aquela sensação de mistério sobre o paradeiro da grande pintura.

Mas as aventuras da dama de Leonardo não pararam por aí. A pintura ainda passou por um atentado, acontecimento que explica todo o sistema de segurança que a envolve nos dias de hoje (MORAES, 2013).

Com o quadro cada vez mais em evidência, é justificável as diversas medidas que foram tomadas para manter sua segurança, mas muito se fala sobre qual o tipo de experiência do observador em relação a ele.

Rede (1996, p. 265) fala sobre a importância da análise da interação entre a sociedade e seu objeto de cultura material, além de como esse objeto acaba influenciando em questões sociais e até mesmo de agrupamento humano, desencadeando o fato de que ao se analisar uma obra de arte exposta em um museu, tal qual a Mona Lisa exposta no Museu do Louvre, esta não pode ser estudada de forma isolada, mas deve ser explorada em seu contexto dentro do ambiente em que está inserida, já que suas interações diárias expressam muito sobre seu contínuo fascínio e sucesso. De maneira curiosa, é justamente no Renascimento que se dá início à noção de percepção estética e aos estudos sobre as questões de sensibilidade e emoção diante da obra de arte começam a ser estudadas (AZZI, 2011, p. 370).

Entre a disputa para chegar o mais perto possível da pintura, a luta para desviar dos celulares apontados em busca do registro perfeito e o impedimento de se aproximar da obra, a experiência do observador não pode ser considerada completa. Não há tempo, não há espaço, não se aproveita a função contemplativa da arte. A experiência não passa de uma tentativa de sentir a obra por inteiro.

²¹ O nome do famoso autor do roubo da Mona Lisa era Vincenzo Peruggia, pintor amador, mas com grande amor pela arte, que fugiu da situação econômica que a Itália estava passando e se mudou para Paris. Bastante nacionalista, acreditava ser a Itália o verdadeiro berço da arte, ainda mais por ter sido a capital do Renascimento. O inconformismo de Vincenzo era reforçado por acreditar que a obra estava em Paris por ter sido saqueada por Napoleão. Alguns meses depois Vincenzo entregou o quadro para a Galleria degli Uffizi, em Florença, e para sua surpresa, foi preso por roubo (PIESCO, 2013).

Considerações Finais

O Renascimento Italiano veio acompanhado de diversas transformações, especialmente nas áreas culturais e sociais, que tiveram influência direta no universo das artes da época.

Leonardo da Vinci, já no século XVI, era considerado o grande representante dessa nova vertente artística e até os dias de hoje é aclamado como o grande símbolo da imensa transformação que o mundo das artes, assim como o universo social, experienciou. O pintor, além de ser representante desse fenômeno cultural, ainda foi grande estudioso e conhecedor de diversas áreas da ciência, biologia e matemática, utilizando seus conhecimentos na produção de suas grandes obras.

Assim, a relevância de Leonardo para a pintura, especialmente renascentista, é inegável e indiscutível, mas a importância de sua obra, a Mona Lisa, ainda causa controvérsias entre alguns indagadores que não entendem o entusiasmo diante da pintura. O curioso é que essa indagação acerca de sua importância sempre vem acompanhada de um incontestável fascínio, que acompanhou a Mona Lisa durante mais de 500 anos e que faz com que a obra seja admirada até os dias de hoje, envolvendo-a em diversas histórias e sempre transformando-a de acordo com as novas tendências. Os mistérios e dúvidas sobre sua criação, sobre quem é a mulher retratada e sobre o porquê a obra nunca foi entregue fazem

com que ela ainda seja estudada, e talvez a suposição de que essas perguntas nunca sejam respondidas faz com que o esforço para a conhecer cada vez mais se intensifique.

A verdade é que não importa a real identidade da mulher pintada por Leonardo, mas a sua relevância como representação artística idealizada, assim como seu valor simbólico de um período tão importante como o Renascimento italiano, que a transformou em ícone artístico que ultrapassou as barreiras de espaço-tempo e influenciou nossa cultura até os dias de hoje.

As intervenções nesta pintura começaram a surgir já no século XVI e vieram acompanhadas de réplicas e imitações. Todos queriam ter a sua Mona Lisa, seja em uma versão que se assimilasse a original ou em uma versão estilizada e personalizada. As reproduções nunca pararam, e todo mundo podia ter a sua Mona Lisa em casa. Seria isso que a tornou tão especial?

Mesmo assim, as visitas ao Museu do Louvre enchem a sala em que o quadro está exposto, quando diversos turistas envolvem o grande espaço destinado a pequena obra procurando um lugar vazio para admirá-la mesmo que por alguns segundos – ou pelo menos para tirar uma foto e dizer que teve o prazer de vê-la pessoalmente. A experiência de ir até um museu deveria aproximar o observador da obra de arte, mas não é exatamente isso que acontece com a pintura de Leonardo, já que com uma sala sempre cheia é difícil ter tempo suficiente para conhecer a obra em

meio à multidão que também quer um espaço para isso. Contudo, suas intervenções e sua disponibilidade cada vez mais frequente na internet acaba tornando-a íntima para o telespectador que a conhece profundamente e consegue falar por horas sobre a enigmática pintura do século XVI.

Sendo assim, podemos entender o quadro de Leonardo como representante da cultura material em dois momentos distintos no presente artigo: quando tratamos a Mona Lisa como documento histórico símbolo dos acontecimentos sociais e culturais do século XVI e objeto que apresenta as características das mudanças do fenômeno cultural conhecido como Renascimento italiano, mas também como objeto que atravessou séculos despertando a curiosidade nos diversos tipos de observadores que se encantaram pela sua história e pela sua imagem, passando por diversas transformações e interferências sem perder sua essência e seu significado.

É impossível saber quais serão as novas versões para a Mona Lisa, mas o que se pode afirmar, com toda a certeza, é que ela continuará sendo renovada, sem prazo de validade, fascinando para as próximas gerações.

Referências Bibliográficas

AZZI, Christiane Ferreira. O patrimônio histórico e a cultura material no Renascimento. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras**, Santa Maria, v.21, n.43, p. 353-371, jul./dez. 2011.

BASTIANON, Francesca. **Da Giorgio Vasari a oggi**: com'è cambiata la visione di leonardo da vinci. 2019. Disponível em: <https://ilbolive.unipd.it/it/news/giorgio-vasari-oggi-come-cambiata-visione-leonardo>. Acesso em: 23 ago. 2020.

BBC NEWS BRASIL. **A fascinante história dos homens que Leonardo da Vinci amou**. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-cul-50412915>. Acesso em: 23 ago. 2020.

BRAGOS, Maíra Pouey. ¿Leonardo da Vinci científico? **Em Curso**: Revista da Graduação em Filosofia da UFSCar, São Carlos, v. 2, p. 1-11, 2015.

BROTON, Jerry. **The Renaissance**: a very short introduction. Nova Iorque: Oxford University Press, 2006. 160 p.

DOMINGUES, Petrônio. Cultura Popular: as construções de um conceito na produção historiográfica. **História**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 401-419, ago. 2011.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Dadaísmo**. 2018. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3651/dadaismo>. Acesso em: 23 ago. 2020.

FRAZÃO, Dilva. **Marcel Duchamp**: pintor e escultor francês. Pintor e escultor francês. 2019. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/marcel_duchamp/#:~:text=Marcel%20Duchamp%20\(1887%2D1968\),28%20de%20julho%20de%201887](https://www.ebiografia.com/marcel_duchamp/#:~:text=Marcel%20Duchamp%20(1887%2D1968),28%20de%20julho%20de%201887). Acesso em: 23 ago. 2020.

GOMBRICH, Ernst Hans Josef. A Harmonia Alcançada: Toscana e Roma, Início do Século XVI. In: GOMBRICH, Ernst Hans Josef. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: Ltc, 2013. Cap. 15. p. 215-245.

HOPE, Charles; MCGRATH, Elizabeth. Artists and Humanists. In: KRAYE, Jill (ed.). **The Cambridge Companion to Renaissance Humanism**. Cambridge: Warburg Institute, 1996. Cap. 9. p. 161-188.

HUCHET, Stéphane. A História da Arte, disciplina luminosa. **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1 e 2, p. 222-245, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2649>. Acesso em: 2 jan. 2021.

JOHNSON, Geraldine A. **Renaissance Art: A Very Short Introduction**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2005. 177 p.

KEMP, Martin. Mona Lisa. In: KEMP, Martin. **Christ to Coke: How Image Becomes Icon**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2012. Cap. 5. p. 141-165.

LARA, Tiago Adão. A que veio o Humanismo? **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 25, n. 13, p. 211-229, jan. 1999.

LOMBARDO, Giovanna. **Andy Warhol e la sua Gioconda**. 2017. Disponível em: <https://www.mondomarziale.org/andy-warhol-e-la-sua-gioconda>. Acesso em: 23 ago. 2020.

MENESES, Ulpiano. O objeto material como documento. Aula ministrada no curso "Patrimônio cultural: políticas e perspectivas". LAB/CONDEPHAAT, p. 1-15, 1980. Disponível em: <https://leiaufsc.files.wordpress.com/2017/08/meneses-u-b-o-objeto-material-como-documento.pdf>. Acesso em 29 out. 2019.

NAVES, Filomena. **"Há sempre qualquer coisa nova para descobrir em Leonardo da Vinci"**. 2019. Disponível em: <https://www.dn.pt/cultura/ha-sempre-qualquer-coisa-nova-para-descobrir-em-leonardo-da-vinci-11033696.html>. Acesso em: 29 dez. 2020.

REDE, Marcelo. História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. *Anais do Museu Paulista*. v. 4, p. 265-282, jan./dez. 1996.

SCHLESENER, Anita Helena. A escola de Leonardo: Política e educação nos escritos de Gramsci. Brasília: Liber Livro, p.188, 2009.

WOLFFLIN, Heinrich. *Renascença e Barroco: estudo sobre a essência do estilo barroco e sua origem na Itália*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

WILCOX, Marrion. Francesco Melzi, Disciple of Leonardo. **Art & Life**. v.11, n. 6. p. 294-299. dez. 1919. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/20543107?origin=crossref&seq=6#metadata_info_tab_contents. Acesso em: 23 ago. 2020.

ZIRPOLO, Lilian H. **Historical Dictionary of Renaissance Art**. 2. ed. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield, 2016. 583 p.

Recebido em: 25/ago/2020

Aceito em: 1/dez/2020